

Mesa redonda

Como as leis que afetam a liberdade do internauta podem influenciar a educação de jovens e adultos

RESUMO: Os palestrantes desta mesa redonda pertencem à Faculdade de Letras da UFMG e trazem uma reflexão sobre o tema principal do UEADSL neste semestre, com foco no uso cada vez mais frequente de recursos on-line para fins didáticos, especialmente afetando a educação de jovens e adultos.

Liberdade na internet e o ensino-aprendizagem no ambiente virtual

Clayton Vilaça

Márcia Nascimento

O ensino e a aprendizagem são virtudes exercidas desde os primórdios por diferentes sociedades e grupos étnicos a elas pertencentes. O verbete “educação” é dicionarizado, por exemplo, como uma prática social, que visa desenvolver as faculdades psíquicas, intelectuais e morais do ser humano, resultando, assim, na aquisição de conhecimentos¹. Já o termo “aprendizagem” consiste no estabelecimento de conexões entre certos estímulos e determinadas respostas².

A partir dessas concepções, assinala-se que em sociedades democráticas o Ensino a Distância, no ambiente virtual, também configura-se como um dos locais onde ocorre a transmissão e a recepção de saberes, a interação entre professores e alunos. Tais fatores acabam por proporcionar dinamismo à comunicação, bem como por promover a propagação de novos conhecimentos, favorecendo, assim, o ensino-aprendizagem de estudantes em todo país, especialmente o de jovens e adultos. Estes, ao se integrarem às novas tecnologias são incluídos digital e socialmente no âmbito acadêmico.

1 Dicionário Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/educacao/>>. Acesso em: 10 Dez. 2012.

2 Dicionário Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/aprendizagem/>>. Acesso em: 10 Dez. 2012.

Além disso, concretizar um processo de ensino-aprendizagem virtual para tais estudantes pode ser um desafio, uma vez que eles fazem parte de um grupo que, por motivos diversos, não ingressaram na escola nas séries regulares. Todavia, a popularização, o acesso a novas tecnologias da informação e ao EAD é um grande avanço para sua inclusão aos novos meios de comunicação e às novas metodologias de ensino, criadas a partir do ambiente virtual.

Entretanto, a possibilidade de implementação de leis que afetam a liberdade na internet surge como uma ameaça a essa nova concepção de ensino. As leis SOPA e PIPA, por exemplo, priorizam a propriedade em detrimento da criatividade, por isso o acesso a determinadas informações que circulam durante as aulas online poderia ser radicalmente limitado, uma vez que conteúdos, como textos, imagens e vídeos poderiam ser bloqueados sob a alegação de proteção aos direitos autorais, os quais são, sempre, requisitados pelas indústrias de comunicação, que se sentem ameaçadas economicamente.

A lei antipirataria ACTA, entretanto, visa não somente o endurecimento das regras sobre os direitos autorais, mas também qualquer tipo de pirataria digital e física em escala internacional, além de responsabilizar as instituições pelo controle e pela proteção de todo conteúdo por elas veiculado. Logo, o ambiente virtual, além de constituir-se como um espaço favorável a divulgação de saberes, a democratização do conhecimento, também acaba por torna-se um local, cuja presença de conflitos e polêmicas acerca de tal lei é constante. No entanto, combater o aumento do poder das grandes corporações de Comunicação e a legitimação de um controle maior da Web continua sendo uma das principais metas de cidadãos que visam à defesa de um dos principais direitos conquistados pelo homem na contemporaneidade: a liberdade de expressão.

Acessar é preciso...

Ana Cristina Fricke Matte

Porque pagamos escolas? Porque conhecimento é fonte de poder.

E porque existem escolas públicas? Porque todos devem ter acesso ao conhecimento.

E porque, se há escolas públicas, pagamos escolas privadas? Porque vivemos em uma sociedade capitalista e qualquer produto que possa trazer qualquer vantagem a qualquer

pessoa pode – e geralmente é – comercializado. O que a escola privada nos vende? Teoricamente, sem entrar em méritos sobre a prática, um acesso mais efetivo ao conhecimento.

Pensemos utopicamente: escolas públicas com professores bem remunerados oferecendo um ensino de alta qualidade. Ainda haveriam escolas privadas? Provavelmente sim, mas em menor número. Então devemos concluir que a melhoria do ensino público é um problema para o sistema capitalista? Santa polêmica... Há quem defenda que sim, mas não o fazem abertamente. Porque não? Ora, não é muito bonito dizer que o capitalismo vive da exclusão social, da exploração de uma massa humana, da manutenção de massas desprovidas do essencial. Mas é verdade.

Pronto: a professora é socialista, comunista!!! Não: do meu ponto de vista, quem vive num país capitalista é capitalista, precisa ser capitalista ou não sobrevive, mesmo que defenda outro tipo de sistema social e econômico. E não estou aqui para defender outro sistema econômico, só estou refletindo sobre a relação entre a liberdade e a educação de jovens e adultos.

A questão é que um ensino público de qualidade depende – e sempre dependeu – de forças políticas que, bem ou mal, precisam negociar com quem defenda que essa qualidade não é bem vinda. E, mesmo que o façam por baixo dos panos, o fazem e o ensino público continua sendo um barco à deriva, ou quase, porque uns professores sem noção de sua falta de poder para guiar o barco insistem em tentar remar com as próprias mãos.

Ainda bem, porque eles são responsáveis por evitar que alguns dos navegantes naufraguem. Sou um exemplo disso: os únicos 4 anos da minha vida em que não estudei em uma escola pública, estudei numa escola de aplicação de uma universidade do interior do Rio Grande do Sul. E minha vida escolar (é, faz tempo, muitos anos atrás) está cheio de remadores sem remos salvando minha inteligência do marasmo do tal ensino sem qualidade.

Então...

Então inventaram a internet. Forma de comunicação que parece virtual de tão ilimitada, se comparada aos velhos meios de comunicação em papel... ou se comparada a outros meios mais rápidos de comunicação de mão única, como rádio e TV... ou se comparada a meios de comunicação interativos mas limitados a dois usuários entre si. Nada de virtual,

se fosse virtual a conexão não caía, o site sempre abria, os downloads eram instantâneos e aquele que procurássemos sempre estaria lá, nos esperando. Sabemos que isso não existe. Então esse meio real de comunicação digital, limitado mas geralmente eficiente e rápido, aconteceu. E aconteceu de ter sido inventado exatamente para que pessoas de diferentes partes do planeta pudessem trocar informações entre si de forma ágil: nasceu para que o conhecimento pudesse ser compartilhado.

No princípio foram os nerds... hoje somos nós, do motorista do ônibus ao dono da empresa de ônibus e ao dono da fábrica de ônibus, muita gente tendo acesso a essa rede e trocando conhecimento.

Se todos compartilham, é possível aprender sozinho? Sim. E isso vai destruir a instituição escolar? Não, mas ela precisa mudar. Precisa mudar porque, com o avanço da tecnologia, o conhecimento avança a passos largos e aquilo que se pode ensinar hoje, amanhã pode estar ultrapassado. Se quisermos nos valer de conhecimentos estáveis para um bom currículo escolar, talvez devêssemos nos fixar em conhecimentos que, de tão básicos, seriam obsoletos.

A escola hoje, em todos os níveis do conhecimento, está amarrada a um currículo que tem como prioridade um conteúdo pré-fixado. Esse conteúdo pode ser obtido na internet; este conteúdo pode mudar até o final da aula: somente é possível tornar adequado o ensino deste conteúdo se, ao ensiná-lo, o principal objetivo for ensinar a aprender, ensinar a estudar em cada área do conhecimento. Somente é possível para o jovem estudante, para o adulto estudante, o professor for também um estudante, no sentido de que o conhecimento que ele, em outras épocas deveria deter e era seu principal produto, deixa de ser o principal motivo de estarem juntos.

Infelizmente, costumam ser somente os remadores sem remos aqueles que se arriscam a essa aventura. Mas hoje, mais que nunca, eles podem afetar o caminho da embarcação, já que a internet começa a fluir nas mesmas águas que as escolas represavam. E mesmo quem não está no barco, pode aprender a nadar pois as águas fluem, abertas.

Pergunta que não quer calar: e quando conseguirem legitimar leis que represarem essas águas novamente? E quando o Open Access for uma tênue lembrança do passado?

Nos vemos nos comentários...